



Introdução

Os anos 1517 e 1519 são comumente considerados de importância decisiva para o desenvolvimento intelectual do frade agostiniano Martinho Lutero (1483-1546) e para a história da Reforma protestante como um todo. O primeiro dos anos citados testemunhou a afixação das 95 teses sobre a indulgência por Lutero, em Wittenberg, e no segundo ano mencionado ocorreu a disputa histórica com Johannes Eck, em Leipzig. O historiador simplesmente ignora o ano intermediário, 1518, como ano de pouca importância, como interlúdio entre esses dois eventos cruciais, como vale que repousa entre duas montanhas. Em abril daquele ano, porém, a convite do seu superior dentro da Ordem Agostiniana,¹ Johannes von Staupitz, Lutero presidiu a disputa pública tradicional na assembleia da Congregação Agostiniana em Heidelberg. No decorrer da disputa de Heidelberg,² uma nova expressão foi acrescentada ao vocabulário da cristandade – a “teologia da cruz”.

Precisamos logo prestar atenção ao perigo de interpretar a expressão “teologia da cruz” à luz de noções ocidentais modernas sobre a teologia como

¹ Usaremos a abreviação tradicional “Ordem Agostiniana” para referir-nos à *Ordo Eremitarum Sancti Augustini* (originalmente abreviado pela sigla OESA; atualmente abreviado por OSA).

² Para o pano de fundo histórico dessa disputa, veja H. Scheible, “Die Universität Heidelberg und Luthers Disputation”, em: *Zeitschrift für die Geschichte des Oberrheins* 131, p. 309-329; K.H. zur Mühlen, “Die Heidelberger Disputation Martin Luthers vom 26. April 1518”, em: *Semper Apertus. 600 Jahre Ruprecht-Karl-Universität Heidelberg 1386-1986*, W. Doerr (org.) (6 vols.; Berlim: Springer Verlag, 1985), vol. 1, p. 188-212. Esses estudos exigem informações suplementares em alguns pontos – sobre a faculdade de teologia de Heidelberg, por exemplo, veja H. Bornkamm, “Die theologische Fakultät Heidelberg”, em: *Aus der Geschichte der Universität Heidelberg und ihrer Fakultäten* (Heidelberg: Brausdruck, 1961), p. 135-154.





disciplina acadêmica profissionalizada, que foca nas questões cognitivas essenciais das ideias sobre Deus. Estudos recentes da Ordem Agostiniana têm enfatizado seu compromisso com uma visão prática e afetiva da teologia – uma *Frömmigkeitstheologie*, uma teologia pastoral, mais preocupada com a promoção e sustentação de uma existência cristã autêntica³ do que com um raciocínio conceitual puramente abstrato voltado para um público acadêmico. Egídio Romano († 1316), que contribuiu muito para a formação do *ethos* da Ordem Agostiniana que ainda se cristalizava em seus primeiros anos,⁴ argumentou que a teologia é fundamentalmente afetiva, em vez de teórica ou prática.⁵ As principais obras dos teólogos influentes da Ordem Agostiniana – como Hermann de Schildesche († cerca de 1357), Henri de Friemar († cerca de 1355) e Jordan de Quedlinburg († 1380) – se mostram pouco interessadas nos detalhes mais sutis da teologia da graça agostiniana, focando mais em assuntos pastorais e espirituais, como a criação e sustentação de uma vida na fé, a superação de dúvidas e dificuldades e a formação do ser humano por meio da paixão de Cristo.⁶ Essa *theologia* não é uma doutrina abstrata de Deus, mas uma teologia prática da vida cristã, moldada segundo a

³ A. Angenendt, *Geschichte der Religiosität im Mittelalter* (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 3ª edição, 2005), p. 71-75. Veja também B. Hamm, *Frömmigkeitstheologie am Anfang des 16. Jahrhunderts: Studien zu Johannes von Paltz und seinem Umkreis* (Tübingen: Mohr, 1982), p. 132-203. Hamm interpreta *Frömmigkeit* como “a realização prática da religião – seus modos de crer, proclamar, ensinar, moldar ideias, conceber e articular valores, medos, esperanças etc. – de tal forma que a vida diária seja moldada e informada por ela”.

⁴ F. X. Martin, *Friar, Reformer, and Renaissance Scholar: Life and Works of Giles of Viterbo, 1469-1532* (Villanova, PA: Augustinian Press, 1992).

⁵ M. Schrama, “Theologia affectiva. Traces of Monastic Theology in the Theological Prolegomena of Giles of Rome”, em: *Bijdragen. Tijdschrift voor filosofie en theologie* 57 (1996), p. 381-404. Para ênfases semelhantes em teólogos posteriores da ordem, veja M. Schrama, “*Studere debemus eam viriliter et humiliter*: Theologia Affectiva bei Hugolin von Orvieto († 1373)”, em: *Bijdragen. Tijdschrift voor filosofie en theologie* 53 (1992), p. 135-151.

⁶ E. L. Saak, *High Way to Heaven: The Augustinian Platform between Reform and Reformation, 1292-1524* (Leiden: Brill, 2002), p. 350-355. Apesar de a maioria dos teólogos da Ordem ter enfatizado a importância da teologia de Agostinho de Hipona, seus escritos de caráter mais pastoral muitas vezes revelam pouco interesse aparente nesses assuntos, que tendem a limitar-se a tratados mais especificamente teológicos.



vida e morte de Cristo, que favorece a humildade, a fé e o amor ao próximo. Ela é um meio fundamentalmente antiespeculativo, antiteórico de conceber e moldar a vida cristã, que envolve a “centralização normativa” da vida na cruz de Cristo.⁷ A *theologia crucis* de Lutero se posiciona firmemente dentro dessa tradição, embora se estenda além dela.

Comecei a estudar as origens e o desenvolvimento da teologia reformadora de Lutero sob a direção do Prof. Gordon Rupp (1910-1986), na Universidade de Cambridge, durante os anos de 1978 a 1980. Apesar de minha pesquisa histórica inicial, no final da década de 1970 e no início da década de 1980, ter focado nas origens das ideias reformadoras de Lutero,⁸ logo ficou claro que estas exigiam um estudo detalhado do desenvolvimento histórico do conceito da “justificação pela fé”,⁹ tão central aos debates da Reforma, e um entendimento das complexas correntes intelectuais que moldaram a emergência das ideias da Reforma Protestante.¹⁰ Os desenvolvimentos acadêmicos ocorridos desde a publicação da primeira edição desta obra, em 1985, tiveram um impacto significativo sobre nossa compreensão de algumas questões decisivas referentes à história intelectual, de relevância particular para este estudo, e levaram à produção desta nova edição.

O estudo presente representa uma tentativa de desdobrar as complexidades do desenvolvimento do entendimento de Lutero referente à justificação da humanidade *coram Deo* ao longo dos anos formativos de 1509 a 1519. As origens teológicas e espirituais da teologia reformadora de Lutero são de imenso interesse e importância intelectual, no que diz respeito tanto à cronologia desse processo quanto à sua substância teológica. Esta obra

⁷ Para essa noção importante dentro de seu contexto histórico, veja B. Hamm, “Reformation als normative Zentrierung von Religion und Gesellschaft”, em: *Jahrbuch für biblische Theologie* 7 (1992), p. 241-279; *idem*, “Von der spätmittelalterlichen reformatio zur Reformation: der Prozess normativer Zentrierung von Religion und Gesellschaft in Deutschland”, em: *Archiv für Reformationsgeschichte* 84 (1993), p. 7-82.

⁸ Veja a primeira edição deste estudo: Alister E. McGrath, *Luther's Theology of the Cross: Martin Luther's Theological Breakthrough* (Oxford: Blackwell, 1985).

⁹ Alister E. McGrath, *Iustitia Dei: A History of the Christian Doctrine of Justification* (Cambridge: Cambridge University Press, 3ª edição, 2005). A primeira edição foi publicada em dois volumes, em 1986.

¹⁰ Alister E. McGrath, *The Intellectual Origins of the European Reformation* (Oxford: Blackwell, 2ª edição, 2003). A primeira edição foi publicada em 1987. Obra lançada no Brasil pela Cultura Cristã com o título *Origens Intelectuais da Reforma*.

pretende, sob os padrões da mais alta erudição, investigar as mudanças dos pontos de vista de Lutero sobre a aceitação da humanidade por Deus, demonstrando, assim, como Lutero reflete os muitos debates teológicos e espirituais da Baixa Idade Média, particularmente as correntes existentes dentro da sua própria Ordem Agostiniana.

Um tema fundamental deste estudo é que o surgimento da celebrada “teologia da cruz” de Lutero, no decorrer dos anos de 1509 a 1519, deve ser entendido como um aspecto da compreensão mutável de Lutero sobre como a humanidade pode encontrar aceitação aos olhos de um Deus santo e justo. A *theologia crucis* de Lutero emerge do contexto de suas reflexões sobre a doutrina da justificação, particularmente da sua tentativa agonizante e extensa de entender o que significa falar da “justiça de Deus” – um *leit-motif* teológico que ocupa um papel proeminente na Epístola de Paulo aos Romanos. O estudo presente oferece, portanto, uma análise aprofundada das mudanças nos pontos de vista de Lutero sobre a doutrina da justificação durante os anos 1509 a 1519, tendo como propósito apresentar a melhor explicação possível das evidências textuais e contextuais.

Essa transição só pode ser compreendida à luz do contexto teológico da Baixa Idade Média, dentro do qual essas mudanças ocorreram.¹¹ A transição de Lutero de teólogo representativo da Baixa Idade Média para pioneiro de uma nova teologia reformadora é uma matéria de enorme interesse histórico e teológico, cuja complexidade é mais do que compensada pelo seu fascínio inerente.¹² O estudo presente é, portanto, em essência, uma investigação do desenvolvimento da doutrina de justificação de Lutero nos anos de 1509 a 1519, visto particularmente em relação ao contexto teológico da Baixa Idade Média. Ao longo deste estudo, muitas das questões que continuam sendo debatidas entre os estudiosos de Lutero – como a *data* e a *natureza* do seu rompimento teológico decisivo – serão examinadas à luz dos estudos mais recentes.

¹¹ Para a importância desse contexto para a formação da era moderna, veja M. L. Colish, *Medieval Foundations of the Western Intellectual Tradition, 400-1400* (New Haven, CT: Yale University Press, 1997), p. 265-350.

¹² Para o papel de Lutero no surgimento da modernidade, veja M. A. Gillespie, *The Theological Origins of Modernity* (Chicago: University of Chicago Press, 2008), p. 101-128.

É inevitável que qualquer tentativa de esclarecer o desenvolvimento histórico da teologia de Lutero e de identificar possíveis influências se depare com sérias dificuldades metodológicas – que precisam ser reconhecidas, embora não possam ser resolvidas por completo. A mais séria delas diz respeito ao peso relativo a ser conferido aos escritos de Lutero em relação àquilo que se sabe do seu contexto histórico. Esse assunto foi debatido, com certa veemência, por Leif Grane (1928-2000) e Heiko Oberman (1930-2001), na década de 1970, e permanece um assunto controverso. Deve a ciência limitar-se a uma ocupação histórico-crítica detalhada em relação aos textos de Lutero? Ou podem estes ser comparados com nossa compreensão do seu pano de fundo histórico, permitindo, assim, que certas possibilidades sejam inferidas desse contexto e amplificadas sobre essa base, mesmo quando os próprios textos não o exijam peremptoriamente?¹³

É importante reconhecermos que o conhecimento histórico é uma obra em progresso, sujeito a revisão à luz de novas evidências e desenvolvimentos teóricos. O conhecimento sobre Lutero pode, destarte, ser aumentado por esses desenvolvimentos; não pode, porém, permitir que seja *determinado* por eles. Cada reconstrução do pano de fundo histórico de Lutero é de caráter temporário, e dar prioridade a esse tipo de reconstrução histórica significaria incorrer no risco de reconstruir tanto o desenvolvimento teológico de Lutero quanto seus resultados intelectuais à imagem das tendências acadêmicas predominantes. A interpretação, por exemplo, do desenvolvimento intelectual de Lutero, apresentada por Oberman, pode hoje ser vista como influenciada por algumas suposições características do seu período e da sua escola de pensamento, que pesquisas posteriores vieram a corrigir ou desafiar. A abordagem adotada neste ensaio consiste em dar prioridade ao estudo minucioso dos textos de Lutero, ao mesmo tempo insistindo que estes sejam contextualizados e interpretados à luz daquilo que sabemos sobre os debates, as questões e as tendências teológicas e religiosas daquela época.

Como este ensaio demonstrará, os estudos mais recentes têm causado uma mudança significativa em nossa compreensão do contexto da Baixa

¹³ Veja L. Grane, *Modus loquendi theologicus: Luthers Kampf um die Erneuerung der Theologie 1515-1518* (Leiden: Brill, 1975); H. A. Oberman, “Reformation: Epoche oder Episode?”, em: *Archiv für Reformationsgeschichte* 68 (1977), p. 56-111, especialmente p. 88-109; L. Grane, “Kritische Berichte: Lutherforschung und Geistesgeschichte”, em: *Archiv für Reformationsgeschichte* 68 (1977), p. 302-315.

Idade Média de Lutero, especialmente em relação às tendências religiosas e teológicas dentro da sua própria Ordem Agostiniana. Os estudos detalhados da identidade e do *ethos* característicos dessa Ordem, produzidos durante os últimos 25 anos, enfatizaram as peculiaridades de suas ideias e abordagens *espirituais* – em vez dos aspectos meramente *teológicos* no sentido mais restrito. A emergência tanto da teologia da justificação quanto da “teologia da cruz” de Lutero pode agora ser comparada com um contexto espiritual mais amplo, com base na literatura da paixão da Baixa Idade Média em geral, e da Ordem Agostiniana em particular. Já que esses desenvolvimentos nos estudos agostinianos ainda não foram assimilados adequadamente pelos estudos acadêmicos sobre Lutero, eles ainda não foram incorporados aos relatos sobre as origens da teologia da justificação ou da *theologia crucis* de Lutero. A segunda edição desta obra faz amplo uso desses estudos recentes, esclarecendo, assim, como a teologia distintiva de Lutero reflete os temas da Baixa Idade Média e como, ao mesmo tempo, se distancia deles.

Começamos nosso estudo com a análise do complexo e fascinante contexto religioso e intelectual dentro do qual ocorreu o avanço decisivo de Lutero.